

Texto narrativo: Tipos de personagens

Teoria

A narrativa é um texto em que os textos são apresentados em uma sequência e possui um propósito. A narração é um tipo textual (ou um modo de organização do discurso). Essa classificação tem como objetivo indicar as características presentes nesses textos, por exemplo, a estrutura, as construções frasais, a linguagem, o vocabulário, os tempos verbais, as relações lógicas de ideias e o modo de interação com o leitor. Um texto narrativo, portanto, tem como objetivo contar uma história a partir de uma sequência de ações.

Tipos de personagens

Nos textos narrativos, os personagens são aqueles que praticam as ações narradas. Eles podem ser classificados em diferentes formas, entre elas: plano e redondo; protagonista e coadjuvantes.

O **personagem plano** é aquele que é apresentado de modo superficial, sem especificações psicológicas ou aprofundamento em suas características; são, portanto, mais simples e possuem atitudes previsíveis. Já os **personagens redondos** são aqueles mais complexos, pois apresentam um aprofundamento de suas características psicológicas e possui atitudes imprevisíveis.

O **personagem principal** de uma narrativa, o protagonista, também pode ser chamado de **herói**. De acordo com a sua definição clássica, herói é aquele nasceu para servir e proteger uma nação ou um povo. Mas, atualmente, nos textos narrativos, destacam-se três tipos de heróis: o **clássico**, o **moderno** e o **anti-herói**. O **clássico** é um personagem que não apresenta defeitos, é virtuoso. O herói **moderno** é aquele que surge com a modernidade e com a ascensão da burguesia, por isso ele é mais individualista e não luta por uma comunidade, mas, sim, por ele mesmo. Já o **anti-herói** possui as características opostas do herói clássico, embora não seja um vilão; este herói é aquele que apresenta desvios de caráter.

Os **personagens secundários** são chamados também de coadjuvantes, pois possuem a função de auxiliar o personagem principal em uma missão na narrativa. Cabe destacar, primeiramente, o papel do **mentor** como a figura de um sábio que aconselha o protagonista; este elemento pode ser um personagem ou uma situação. Há, também, a figura do **arauto** que é uma situação ou um personagem que coloca o protagonista no conflito da narrativa. Já o **guardião de limiar** é o momento em que estabelece o limite entre o mundo comum e o mundo da aventura.

O **antagonista** é personagem ou a situação que se opõe ao protagonista; é o **vilão** da narrativa. Esse elemento precisa estar presente para iniciar o embate do texto narrativo. Além disso, destaca-se a figura do **camaleão** como um personagem que não deixa claro em que lado está – lado do protagonista ou do antagonista. E, por fim, há a figura do **pícaro** como um elemento ou personagem que produz um alívio cômico e uma quebra da dramaticidade da narrativa.

Exercícios

1. (FUVEST) Rubião fitava a enseada, – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas em verdade vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

– Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Barba, apenas me dano uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

O primeiro capítulo de *Quincas Borba* já apresenta ao leitor um elemento que será fundamental na construção do romance:

- a) os amigos do rei a contemplação das paisagens naturais, como se lê em “ele admirava aquele pedaço de água quieta”.
- b) a presença de um narrador-personagem, como se lê em “em verdade vos digo que pensava em outra coisa”.
- c) a sobriedade do protagonista ao avaliar o seu percurso, como se lê em “Cotejava o passado com o presente”.
- d) o sentido místico e fatalista que rege os destinos, como se lê em “Deus escreve direito por linhas tortas”.
- e) a reversibilidade entre o cômico e o trágico, como se lê em “de modo que o que parecia uma desgraça...”.

2. (FMP)

São Bernardo

Graciliano Ramos

Nesse tempo eu não pensava mais nela, pensava em ganhar dinheiro.

De bicho na capaço (falando com pouco ensino), espernei nas unhas do Pereira, que me levou músculo e nervo, aquele malvado. Depois vinguei-me: hipotecou-me a propriedade e tomei-lhe tudo, deixei-o de tanga. Mas isso foi muito mais tarde.

A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas.

Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas. Está um exemplo. O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. Andei, virei, mexi, procurei empenhos e ele duro como beira de sino.

Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações em penca, aquilo não era trato, e tal, enfim etc. O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um esbregue. Não desanimei: escolhi uns rapazes em Cancalancó e quando o doutor ia para a fazenda, caí-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alaistrados e rabos-de-raposa.

– Vamos ver quem tem roupa na mochila. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa.

– O doutor, que ensinou rato a furar almotolia, sacudiu-me a justiça e a religião.

– Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho.

Dr. Sampaio escreveu um bilhete à família e entregou-me no mesmo dia trinta e seis contos e trezentos.

Passei o recibo, agradei e despedi-me:

– Obrigado, Deus o acrescente. Sinto muito ter-lhe causado incômodo. Adeus. E não me venha com a sua justiça, porque se vier, eu viro cachorro doido e o senhor morre na faca cega.

Disponível em: <http://www.livroclip.com.br/ferramenta/externo/colecao/sao_bernardo/livro.pdf>. Acesso em: 2 out. 2020.

No texto, o narrador é

- a) antagonista, porque representa um obstáculo ao se opor às ações do protagonista.
- b) protagonista, porque narra a história em primeira pessoa como personagem principal.
- c) secundário, porque desempenha papel de menor importância para a construção da narrativa.
- d) onisciente, porque sabe tudo o que se passa na consciência dos outros personagens.
- e) observador, porque narra os eventos, em terceira pessoa, sem participar da ação.

3. (UEL) Leia os trechos abaixo, extraídos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e responda à(s) questão(ões) a seguir.

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?)

[...]

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.)

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 32-33.

Sobre os trechos, assinale a alternativa correta.

- a) Os parênteses servem para o leitor se orientar na narrativa: quando esses sinais são utilizados, o narrador entra em cena para comentar; quando são suprimidos, a narrativa se restringe à ação da protagonista.
- b) A pergunta final no primeiro trecho entre parênteses revela o desprezo que existe na relação entre o narrador e a personagem, atitude predominante daquele, na maior parte da narrativa.
- c) O incômodo expresso pelo narrador-personagem indica o descompasso entre ele e a protagonista, tanto no plano dos lugares sociais que cada um ocupa quanto no plano do temperamento.
- d) O ímpeto de “derrubar copos e pratos e quebrar vidraças” é transportado do narrador-personagem para a protagonista à medida que a narrativa avança e as adversidades se avolumam na trajetória de Macabéa.
- e) A indignação do narrador-personagem com a falta de reação de Macabéa é equilibrada pela constatação de sua obediência, traço de caráter admirado por ele, que garante a ela êxitos expressivos no plano afetivo e no profissional, com o desdobramento da narrativa.

4. (UEL) Leia o fragmento, a seguir, retirado do livro *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, e responda.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Catedral, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem o olhavam. [...]

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre cousas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards* dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase cousa alguma.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1990. p. 130-131.

Com base no trecho e no romance, considere as afirmativas a seguir.

- I. A frase “Não era nada” estabelece conexão entre Cassi e o desfecho vivido por Clara, embora os motivos dessas avaliações tenham graus de relevância e sentidos diferentes para cada personagem.
- II. Clara e Cassi são superprotegidos por suas mães; contudo, Clara é mantida em sua ingenuidade, sem exposição à realidade, enquanto Cassi é acobertado a cada maldade cometida.
- III. O assassinato de Marramaque afeta Clara e Cassi sob perspectivas diferentes: Clara sofre com a morte do padrinho, enquanto Cassi é o mentor daquele crime.
- IV. A ideia de “polidez” acentua diferenças entre Clara e Cassi: enquanto ele ostenta essa qualidade no subúrbio e no centro, ela, como autêntica suburbana, é tosca, carente de lapidação.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

5. (CPS) Como filha de um homem abastado, a noiva fora instruída nos rudimentos da leitura e da escrita [...]. Só que a noiva era uma criatura histriônica*. Tudo que lia, poesia ou canção, era compartilhado com a Escrava; tudo que escrevia, em seguida lia em voz alta para a Escrava. Em segredo, a africana desconfiava daqueles sinais mágicos, tinha medo do papel que podia transportar vozes humanas. Porém, contanto que fosse a sua favorita quem dava voz às palavras, ela se sentia em segurança; contanto que fosse ela quem transformava em música os sinais no papel, a Escrava ficava contente. Agora, pela primeira vez, foi excluída. A mensagem do anjo tinha erguido uma barreira de escrita entre ambas.

*histriônica: relativo a histrião, aquele que representava as farsas, logo, comediante, farsista.

(Bahiyih Nakhjavani, *O alforje*. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 180.)

Sobre o foco narrativo do trecho transcrito, é certo afirmar que se trata de um narrador

- a) personagem, pois apresenta fatos que ocorreram com ele durante sua jornada pelo deserto.
- b) personagem observador, pois ele narra eventos dos quais não participa, mas aos quais assiste.
- c) observador, pois apresenta apenas as informações acessíveis pelos seus sentidos (o que ouviu ou viu).
- d) onisciente, pois tem acesso aos pensamentos e sentimentos da personagem, expressos em discurso indireto.
- e) personagem protagonista, pois relata fatos vivenciados por ele enquanto observava os trabalhos das personagens relatadas.

Gabarito

1. E

A última frase do excerto, "*Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...*", revela a profunda ironia dos textos machadianos que, com sarcasmo, expõe a hipocrisia do ser humano. Rubião, ao invés de sentir pesar pela morte de Quincas Borba, encara o fato como algo positivo por lhe ter permitido receber a herança e passar, então, a viver de forma bastante confortável.

2. B

No texto, vemos um narrador protagonista, pois ele narra as suas experiências em primeira pessoa, mostrando-se personagem principal de sua história.

3. C

Os comentários do narrador não se restringem aos parênteses. A relação entre narrador e personagem não se caracteriza predominantemente pelo desprezo. A protagonista não se revolta ao longo da narrativa, que é atravessada sem grandes êxitos.

4. D

A "polidez" não pode ser considerada uma característica de Cassi em qualquer das regiões da cidade citadas. Não é essa marca que diferencia as duas personagens.

5. D

No trecho, vemos a presença de um narrador na terceira pessoa, mas que, além de observar a cena, parece saber de tudo que as personagens sentem ou pensam. Dessa forma, ficamos sabendo, por exemplo, das impressões da personagem Escrava em relação à linguagem escrita.